

## A casa

Ela inspira e expira olhando através do grande portão metálico, agora avermelhado por causa da ferrugem, para aquela grande casa velha coberta por videiras. Tinha um aspeto abandonado! Afinal agora não tinha quem cuidasse dela. Marina ainda conseguia ouvir o cacarejar das galinhas e sentia aquele cheiro que ela conhecia tão bem, o cheiro do campo. Entrou e, como esperado, o portão chiou. Entrou e desta vez não foi recebida pelo Neco, um pulgento que ela insistia como tudo o que tinha que era o seu melhor amigo de infância. Olhou em frente como sempre fazia para ver o barracão, uma construção grande metálica, também coberto por ferrugem. Estava fechado. Em todos os seus anos de vida, que não eram muitos, nunca tinha visto aquele barracão fechado. Não o ver a trabalhar e a reclamar com a Felícia, ela estava sempre no quintal a fazer alguma coisa e às zaragatas com ele, era perturbador. Ainda se lembra dos dias de sol em que ela agarrava nos botins, aqueles botins azuis e vermelhos com um ursinho de lado que ela tanto adorava calçar para a ajudar no quintal. O terreno vasto ainda estava coberto de vegetais e árvores de fruta. Não mudou muito, foi o pensamento que teve ao passar por ele.

Finalmente a menina ganhou coragem para entrar na casa. O jardim, que dava para a entrada, estava irreconhecível, faltava-lhe vida e cor; dos azulejos outrora vermelhos e extremamente escorregadios já só restavam cacos. Abriu a porta com esforço; ela sempre esteve perra, talvez problemas de óleo nunca resolvidos, e entrou na cozinha. Estava tudo igual e tudo diferente. A cozinha era a mesma, a mesa onde comiam ainda lá estava, o sofá de cor verde acastanhado estava exatamente no mesmo canto e até a manta colorida que ~~metiam~~ estendiam em cima dele para não se sujar. Mas os gatos já não entravam e saíam pela janela, o lume, que antes raramente se desligava, era só um grande monte de cinza e já não sentia o cheiro da comida deliciosa, pelo menos ela gostava, que a Felícia fazia. Já não era recebida com uma voz irritante, mas amigável a perguntar-lhe o que queria comer. Marina continuou a sua investigação caminhando lentamente pela casa para poder assimilar cada canto da mesma. Subiu as pequenas escadas que davam para a sala de estar e para a sala de jantar. Sempre teve ideia de quão grande a casa era, mas agora parecia ligeiramente mais pequena, talvez porque crescera. Entrou na sala de jantar primeiro, era simplesmente linda. A sala estava coberta por azulejos azuis

e brancos, havia um candelabro no meio da sala que se alinhava perfeitamente com a grande mesa de madeira. No lado esquerdo da mesa estava um órgão. A menina ri-se quando pensa em todas as vezes em que aquelas teclas foram tocadas horrivelmente por ela. No lado direito da mesa estava uma máquina de costura, de facto uma antiguidade, nunca a viu a trabalhar, durante muito tempo nem sabia o que era. Não era uma sala acolhedora, muito pelo contrário, era uma sala fria, gelada, e assustadora já que nela estavam as escadas, grandes e com um tapete aveludado vermelho para ninguém escorregar, que davam para o sótão. Raramente ia lá acima e, quando o fazia, era para ir buscar brinquedos ao antigo quarto da mãe. Saindo da sala de jantar foi para a sala de estar. Essa era a melhor parte de toda a casa. O bar cheio de garrafas vazias que utilizava para brincar ao faz de conta com ele, a lareira que sempre se ligava de noite, o grande sofá que cobria a sala quase toda, era de facto muito grande, o relógio em numeração romana por cima da televisão. A sala por si só não era nada de especial, mas lá ela brincou riu e passou as suas melhores noites ao quentinho daquela fogueira. Olhou para o longo corredor à sua frente, não pode evitar a lembrança da vez em que, enquanto jogavam à apanhada, escorregou e abriu a cabeça. Pode não ser uma das memórias mais felizes, mas não pode evitar a gargalhada que sai sempre que se lembra. Estávamos todos em pânico e ninguém sabia bem o que fazer, mas acabou por se resolver. Já só faltava o quarto. Um quarto frio, mas acolhedor, com uma cama enorme que tinha um colchão rijo como pedra. Sentou-se nela e olhou para o armário, perto dele estava um colchão. Ela não gostava muito de dormir nele, mas divertia-se a saltar naquele colchão mesmo quando estavam a tentar esticar os lençóis.

As memórias embora dolorosas eram felizes e, por isso, Marina não podia evitar o pequeno sorriso de contentamento enquanto cirandava pela casa.

A pandemia tirou tanto a tanta gente, muitos não acreditavam ser algo sério, por momentos também ela. Mas tudo muda quando alguém que amamos sofre as consequências desses pensamentos fúteis. Num ápice algo que uma rapariga tão nova, apenas 16 anos, ainda no secundário, tomou por garantido parece que lhe escorregou pelos dedos. Com os afazeres diários não nos lembramos das pequenas coisas, mas as saudades trazem sempre com elas as memórias do que perdemos.

- O teu avô está muito doente.

Notícia que petrificou Marina. Agora tinha uma grade decisão...ligava ou não ligava?

A menina ligou e chorosa disse ao avô o quanto gostava dele, a última coisa que ouviu foi um fungar e o bip que indicava o fim da chamada.

Marina nunca mais vai ouvir a música sobre vegetais que ele lhe cantava, nunca mais vai ouvir os protestos ridículos dele que eram a sua forma estranha de dizer “eu adoro-te”, e nunca mais vai ter um dos abraços apertados com três palmadinhas nas costas que ele sempre lhe dava antes dela se ir embora. Podia ter tido um último abraço, daqueles apertados como se recusasse a partida da menina, mas estavam chateados por algo de que agora nem se lembra porque não era importante. O orgulho de ambos intrometeu-se e ninguém admitiu o erro. E a única coisa que resta são as memórias e a grande casa velha!

Risa Binks – 11.º ano